



CONSELHO REGIONAL
DE PSICOLOGIA
DO RIO GRANDE DO SUL

Impresso
Especial
1980/03 DR/RS
CRP 07
...CORREIOS...

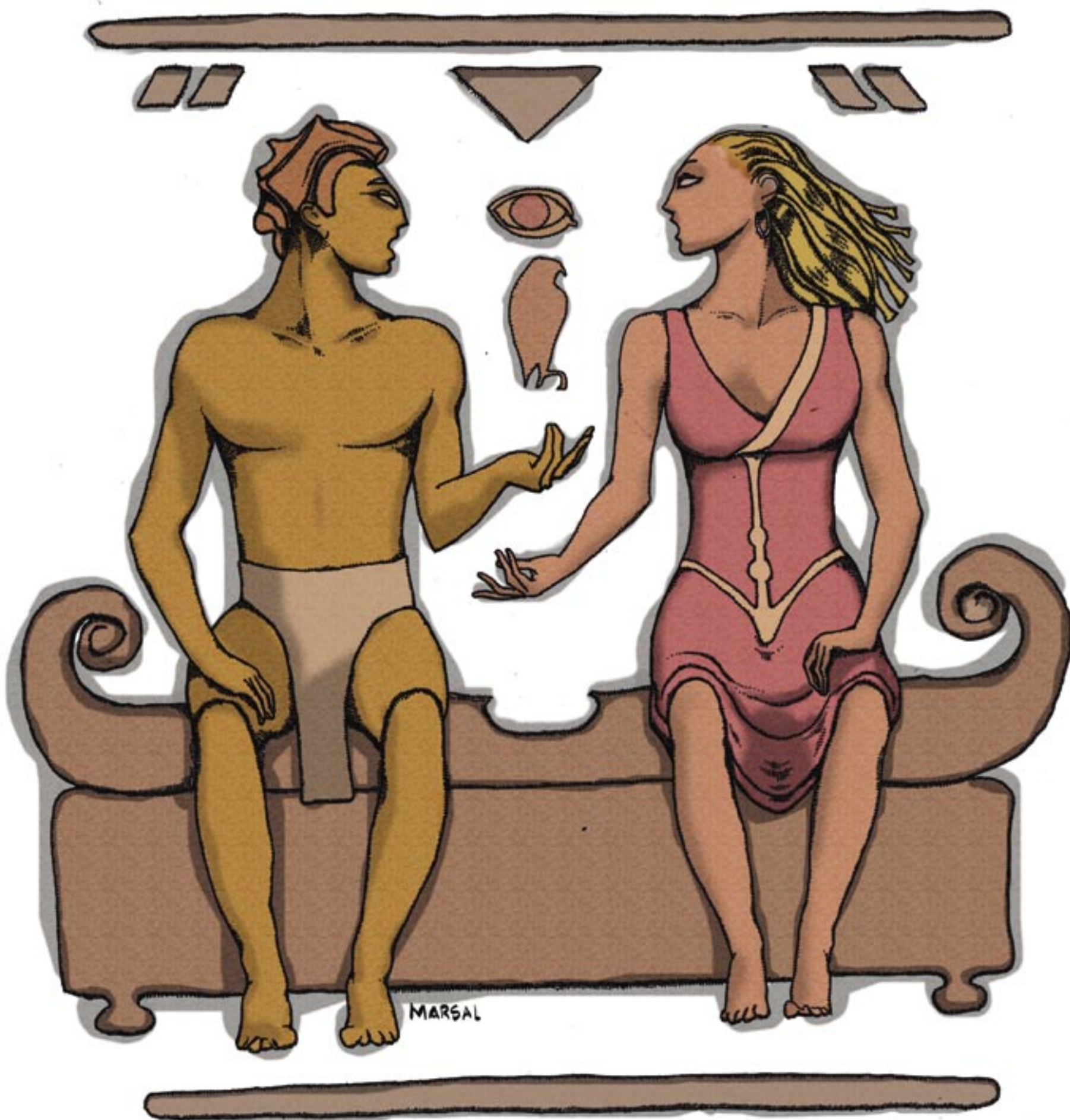


ENTRE LINHAS

ANO VII

Nº35

julho/agosto de 2006



História e Psicologia

ENTRE
LINHAS

expediente

Presidente: **Maria da Graça Jacques**
 Vice-presidente: **Neuza Maria de Fátima Guareschi**
 Tesoureira: **Vera Lúcia Pasini**
 Secretária: **Helena Beatriz Scarparo**

Conselheiros
Adriana Martello
Ari Gomes Pereira Jr.
Bárbara Conte
Betina Hillesheim
Diego Villas-Bôas da Rocha
Eliana Gonçalves de Moura
Hélio Possamai
Jefferson de Souza Bernardes
Lizete Ramos Dieguez
Nelson Eduardo Rivero
Raquel Conte Poletto
Silvana de Oliveira
Simone Maria Hüning

Coordenação Editorial
 Comissão de Comunicação: **Helena Beatriz Scarparo, Hélio Castro, Lílana Rauber, Leticia Gianechini, Silvana de Oliveira**

Jornalista Responsável: **Lílana Rauber (Mtb/RS 9684)**

Colaboraram nesta edição: **Carmem Lobato, Cristina Lhullier, Eduardo Marodin Lomando, Fábio Moraes, Gustavo Gauer, Helena Scarparo, Jaqueline Moreira, Jefferson de Souza Bernardes, Juremir Machado da Silva, Maria Aparecida da Silveira Brígido, Maria da Graça Jacques, Marilene Marodin, Sílvia H. Koller, Suzana Notti, William Barbosa Gomes.**

Projeto Gráfico: **Verdi Design**
 Diagramação: **Rosana Silveira (rosanavsilveira@terra.com.br)**
 Ilustrações: **Marsal Alves Branco (marsal@eevale.br)**
 Revisão: **Luís Augusto Lopes**

Impressão: **Trindade**
 Tiragem: **12.000 exemplares**

E-mail: jornal@crprs.org.br



CONSELHO REGIONAL
 DE PSICOLOGIA
 DO RIO GRANDE DO SUL

Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul - CRP-07

Sede
NOVO ENDEREÇO:
Av. Protásio Alves, 2854 sala 301
Porto Alegre - RS
Fone/Fax: (51) 3334.6799
E-mail: comunicacao@crprs.org.br

Subsede Sul
 R. Félix da Cunha, 772/304
 CEP 96010-000 - Pelotas/RS
 Fone: (53) 3227-4197
 E-mail: crppelotas@terra.com.br

Subsede Serra
 Av. Itália, 325/705 CEP 95010-260
 Caxias do Sul/RS
 Fone: (54) 3223-7848
 E-mail: crpcaxias@terra.com.br

**Cadastre-se no site para
 receber informativos
 eletrônicos do CRP-RS
www.crprs.org.br**

Editorial	2
PRAPSIS	3
História das entidades	4
Ensino em Psicologia	6
Produção de Conhecimento	8
Políticas Públicas	9
Revista Psico	10
Perfil	11
Opinião	12

Editorial

“O futuro e a constituição da profissão passa pelo resgate e a divulgação da história da Psicologia no Brasil, principalmente quando é realizada por entidades como os Conselhos de Psicologia. Para se conseguir uma imagem da profissão, é necessário que os psicólogos conheçam a história da Psicologia”.

Com essas palavras, Odair Furtado e Ana Maria Jacó-Vilela apresentam as iniciativas do Conselho Federal de Psicologia no resgate histórico da Psicologia brasileira como ciência e como profissão. O Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul se alia a esse movimento e, como primeira iniciativa, constituiu um Grupo de Trabalho voltado à história da Psicologia no Estado. **O número deste jornal é um primeiro “produto” deste GT, que tem outras metas, como: a criação de um “Memorial do Conselho Regional de Psicologia”, reunindo e disponibilizando documentos históricos do órgão, a constituição de um banco de imagens e informações sobre profissionais e sobre o percurso da Psicologia no Rio Grande do Sul, a disponibilização de informações sobre obras que contam a história da Psicologia gaúcha, entre outras.**

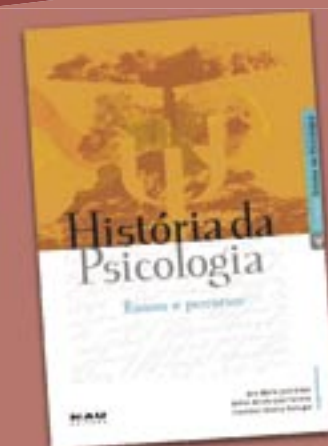
Não por acaso se escolheu este tema para o jornal Entrelinhas neste momento. Há 44 anos a profissão de psicólogo foi regulamentada no Brasil, há 32 anos o CRPRS exerce suas funções e está

em uma nova sede, mais ampla, para acolher as demandas crescentes da Psicologia no Rio Grande do Sul. E é especialmente quando mudamos de casa que queremos levar conosco a nossa história, para que ela nos aconchegue neste novo território. História também do CRPRS, construída pelas psicólogas e psicólogos que participaram das onze gestões, homenageados em um espaço especial na nova sede. **Nova sede aberta a todos os psicólogos também com um espaço especial de acolhida, onde está disponibilizada para consulta a legislação pertinente ao exercício da profissão.**

As matérias deste Entrelinhas são alguns recortes da história da Psicologia no Rio Grande do Sul. Recortes, não mais ou não menos importantes que outros, apenas recortes. Reportam-se às histórias de alguns campos da Psicologia, de alguns Cursos de Psicologia, de algumas entidades e profissionais da Psicologia gaúcha. **E uma homenagem especial àqueles que não estão mais entre nós através do nome de uma psicóloga que escolheu, por opção, e aí um dos seus diferenciais, construir em conjunto a trajetória da Psicologia no Estado.** Esses diversos recortes expressam os também diversos modos de contar e de construir a História.

Maria da Graça Jacques
 Presidente do Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul

agenda



História da Psicologia:
 Rumos e Percursos

O livro, organizado por Ana Maria Jacó-Vilela, Arthur Leal Ferreira e Francisco Teixeira Portugal, é dividido em quatro partes: “O nascimento da Psicologia”, “Os novos critérios de cientificidade no século XIX”, “A Psicologia no século XX” e “A Psicologia em diálogo com o social”. O lançamento oficial será no dia 21 de setembro, no auditório da nova sede do CRPRS.

XII Jornada do ESIPP
 Como Freud Mudou o Mundo?!
 28 a 30/09 – Porto Alegre
 Informações: **(51) 3338-9878** ou
www.esipp.com.br

XVIII Jornada Anual do IEPP
 Reflexos de Narciso nas
 Relações Contemporâneas
 29 e 30/09 – Porto Alegre/RS
 Informações: **(51) 3333-4801** e
(51) 3335-3534

XII Jornada Prontopsiquiatria
 Espiritualidade e Saúde Mental
 29 e 30/09 – Porto Alegre/RS
 Informações: **(51) 3222-8270** ou
www.prontopsiquiatria.com.br

II Encontro Candango da Abordagem Gestáltica
 06 a 08/10 – Brasília
 Informações: www.candangogestalt.com.br

VIII Congresso Brasileiro de Psicologia Hospitalar
 07 a 11/10 – São Paulo/SP
 Informações:
psicoexistencial@psicoexistencial.com.br

XI Encontro Regional Sul da ABRAPSO
 Tecendo relações e intervenções em Psicologia Social
 09 a 12/10 – Passo Fundo/RS
 Informações: www.upf.br/abrapso

VI Jornada do Adulto Maduro
 Quando se perde e quando se ganha na longevidade
 19 e 20/10 – Porto Alegre/RS
 Informações: **(51) 3328-0622** ou
www.clam.emed.com.br

IX Encontro Científico Cyro Martins
 Ressonâncias
 20 a 22/10 – Torres/RS
 Informações:
cyromartins@cpovo.net

X Jornada da Sociedade de Psicologia
 Profissão Psicólogo: identidade, práticas e perspectivas
 26 a 28/10 – Canoas/RS
 Informações: www.sprgs.org.br/

Cine-Fórum: A Professora de Piano
 28/10 – Porto Alegre/RS
 Informações: **(51) 3330-3845**
 - www.sbpdepa.org.br

História

O tema do Jornal Entrelinhas nesta edição trata da História. O desejo de registrá-la manifestou-se muito cedo nos seres humanos. Há 40 mil anos, por exemplo, as maneiras de ser e viver foram narradas através de desenhos inscritos nas cavernas nas quais as pessoas se abrigavam. Nesses desenhos, elas contavam como viveram seu cotidiano e como construíram suas histórias. Já neste tempo, contar história implicou explicitar uma leitura da realidade experienciada.

Esse breve exemplo nos mostra que a história se constitui no tempo presente e se traduz em criação. Assim, se inventa a arte, as idéias, as tecnologias que provocam mudanças em diferentes âmbitos.

O Entrelinhas, nesta edição, trata da construção da Psicologia no Rio Grande do Sul. As histórias aqui descritas são narrativas da presença de psicólogos no tempo. Nessa perspectiva, estamos publicando algumas das muitas versões possíveis sobre o tema que podem constituir-se em fontes de reflexão sobre nossas práticas.

Agradecemos ao professor William Barbosa Gomes que cedeu trechos das entrevistas feitas com

alguns dos psicólogos que participaram da construção da história da Psicologia no nosso Estado. Estes depoimentos estão expostos na página 11 desta edição. As entrevistas completas podem ser acessadas no site do Museu Psi: www.ufrgs.br/museupsi/entrvistapioneiros.htm.

Em um texto criativo e repleto de detalhes históricos, o psicólogo Jefferson Bernardes problematiza a produção do conhecimento psicológico, ressaltando as dimensões dialógica e transformadora da história. Tais dimensões são abordadas por Helena Scarparo, que associa os contextos sociais e políticos do Brasil nas décadas de 1960 a 1990, com a instituição das práticas psicológicas em comunidades gaúchas.

Marilene Marodin, Suzana Notti e Eduardo Marodin Lomando conversaram com protagonistas da criação da Sociedade de Psicologia do RS, do CRPRS e do Sindicato dos Psicólogos. Através de entrevistas com integrantes dos grupos fundadores destas entidades, as autoras narram o contexto do surgimento dos órgãos representativos da categoria no Estado.

São registradas, ainda, memórias da efetivação de alguns dos cursos de

Psicologia no Estado, na PUCRS, UFRGS, UNISINOS, ULBRA, UCS e UPF.

Reproduzimos, ainda, o primeiro artigo publicado na primeira revista acadêmica de Psicologia no Estado, que segue com edição regular desde março de 1971.

Finalmente, Juremir Machado da Silva nos brinda com suas reflexões ao se perguntar “Que história é essa?”, levando-nos a refletir sobre as infundáveis possibilidades interpretativas e classificatórias da produção da História.

Lembrar não é repetir memórias. É criar sentidos na medida em que revisitamos e repensamos as éticas nas quais estruturamos nossos fazeres. Deste modo, ao ler, pesquisar ou escrever sobre nossa profissão, estamos refletindo sobre o exercício da psicologia e sobre as histórias que nos habitam.

Respondendo aos inúmeros pedidos decorrentes da última edição do Entrelinhas, publicamos na íntegra a Resolução CFP 007/2003, que institui o Manual de Elaboração de Documentos decorrentes de Avaliações Psicológicas.

CURSOS DE EXTENSÃO

Terapia Cognitiva dos Transtornos de Humor
 25/09 a 27/11 - Unisinos
 Informações: **(51) 3591-1122** ou
www.unisinos.br/extensao/saude

Depressão e Melancolia na Infância: Uma Abordagem Transdisciplinar
 02/10 a 04/12 - Unisinos
 Informações: **(51) 3591-1122** ou
www.unisinos.br/extensao/saude

II Encontro Candango da Abordagem Gestáltica
 06 a 08/10 – Brasília
 Informações: www.candangogestalt.com.br

Clínica esquizoanalítica
 Ciclo comemorativo 20 anos do Instituto Pichon-Rivière
 20 e 21/10 – Porto Alegre/RS
 Informações: **(51) 3331-7467** e
contato@pichonpoa.com.br

CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO

Gestalt-Terapia
 Instituto Gestalten – Florianópolis/SC
 Informações: **(48) 3322-2122** ou
www.gestalten.com.br

CURSOS DE FORMAÇÃO

Psicologia Escolar
 Centro de Aperfeiçoamento em Psicologia Escolar – CAPE
 Informações: **(051) 33-315681** ou
capepsi@terra.com.br

Terapeutas de Família
 Domus – Centro de Terapia de Casal e Famílias
 Informações: **(51) 3346-3022** ou
www.domusterapia.com.br

A história da criação de entidades da Psicologia gaúcha

Quando pensamos em escrever este texto, decidimos que seria de grande valia se pudéssemos ouvir e registrar a história de três entidades a partir dos relatos de pessoas que contribuíram significativamente para essa construção. Assim, buscamos os psicólogos que foram os primeiros presidentes de cada entidade: Arthur de Mattos Saldanha, da Sociedade de Psicologia; Cícero Emídio Vaz, do Conselho Regional de Psicologia; Sueli Brunstein, do Sindicato dos Psicólogos, assim como Herta Hess, coordenadora do Help – Serviço de Atendimento ao Jovem da Sociedade de Psicologia.

A primeira entidade a surgir no Rio Grande do Sul foi a Sociedade de Psicologia, instituída por um grupo de psicólogos que se encontrava em eventos da saúde. Saldanha conta que os movimentos para a regularização da profissão já estavam em andamento, principalmente em Brasília, quando ele mesmo foi falar com parlamentares gaúchos favoráveis à regulamentação. Portanto, uma entidade que pudesse falar pelos psicólogos era fundamental para que a classe tivesse força.

Em 1949, houve uma tentativa frustrada de criar essa instituição e, finalmente, dez anos depois, em 1959, no dia 1º de julho, foi realizada a Assembléia Extraordinária de Fundação da Sociedade. A primeira diretoria foi composta por sete psicólogos, entre eles Arthur Saldanha, como presidente, e Graciema Pacheco, como vice. Como primeira diretoria, essa equipe teve objetivos cruciais para a estruturação da carreira: o engajamento na luta para a legitimação da profissão, a imposição da Psicologia como ciência da área da saúde e a construção da identidade do psicólogo.

As dificuldades foram marcantes, mas bravamente ultrapassadas por esse corajoso grupo. **A visão da Psicologia como um “misticismo”, os preconceitos relativos às técnicas, teorias e capacidades e a resistência de alguns setores da área da saúde foram algumas das barreiras encontradas nesse caminho.** Mas, apesar disso, a população parecia estar mais aberta a essa nova área de trabalho, reforçando as expectativas de legitimação da profissão.

Saldanha afirma ainda que as primeiras sedes da Sociedade foram as casas dos próprios associados, as quais, apesar da informalidade, eram um espaço de muita produção. Depois disso, obtiveram uma sala no prédio das Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde foi também realizada a fundação formal da entidade.

Em novembro de 1970, durante a gestão do presidente Luis Antônio Meira, foi criado o Help – Serviço de Atendimento ao Jovem, coordenado pela psicóloga Herta Hess. O Help visava ao desenvolvimento de auxílio psicológico dentro de uma dimensão social, direcionado a jovens na faixa etária de 12 a 18 anos, dentro de uma concepção de “ajuda socialmente orientada”. **Mais de 50 psicólogos e 30 estagiários de Psicologia Clínica trabalharam atendendo à demanda. Esse serviço teve um destaque na comunidade e foi pioneiro no Brasil, servindo como modelo de implantação a serviços semelhantes.**

Ainda em 1971, a Sociedade de Psicologia era organizada pela “velha guarda”, como diz Cícero Emídio Vaz, primeiro presidente do Conselho Regional de Psicologia. Cícero relata que esse grupo, motivado pela necessidade de mostrar a função da profissão à sociedade em virtude do desconhecimento e do preconceito com a mesma, teve que se organizar muito para a criação do Conselho.

Assim, os integrantes da Sociedade de Psicologia se uniram aos psicólogos Clóvis Stenzel (deputado federal por Minas Gerais) e Arrigo Angelini (Sociedade de Psicologia de São Paulo) para, juntos, instituírem o Conselho Federal de Psicologia. Após a instituição do Conselho Federal, sete conselhos regionais foram criados, entre eles estava o do Rio Grande do Sul, que agrupava Paraná e Santa Catarina.

Seis psicólogos integravam a primeira diretoria do Conselho Regional de Psicologia – 7ª Região: Cícero Vaz (presidente), Sueli Teitelbaum (vice), Selmira Paulon,

Pórcia G. Alves, do Paraná, e Roberto Castiglia, de Santa Catarina.

A primeira tarefa do grupo foi procurar uma sede para o Conselho, Cícero conta que a Secretaria do Trabalho disponibilizou uma sala na Av. Independência. A segunda tarefa da diretoria foi agrupar o maior número de psicólogos para que conhecessem o Conselho e se vinculassem a ele.

Tendo esse objetivo em mente, o grupo criou algo inusitado: resolveu colocar uma nota de primeira página em dois dos jornais mais influentes da época, Zero Hora e Correio do Povo, convocando todos os psicólogos para que, no dia 27 de agosto de 1974, Dia do Psicólogo, viessem à Assembléia para a inauguração pública do Conselho Regional de Psicologia. A expectativa era muito grande, e Cícero relata a sua preocupação de que os psicólogos reconhecessem a função do Conselho.

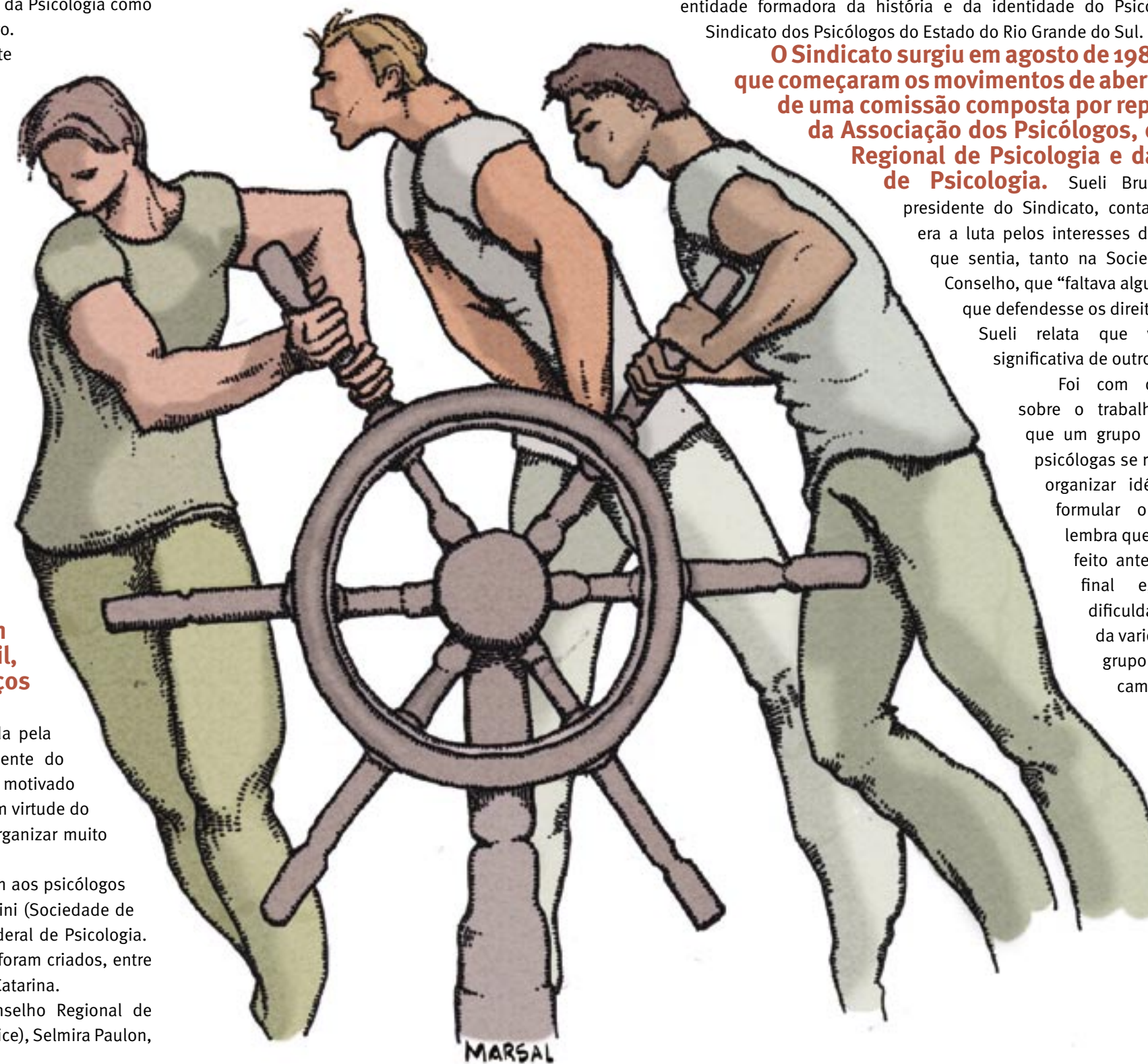
No dia 27, o Teatro São Pedro, local escolhido para a Assembléia, lotou. **Nunca tinha havido uma reunião de tantos psicólogos no RS, e o apoio ao Conselho foi maciço e decisivo para o sucesso da implantação desse órgão.** A partir dessas reuniões, o Conselho foi responsável também pela dissolução de grandes conflitos internos entre movimentos antagonísticos dentro da Psicologia. Cícero finaliza dizendo que o grande desafio para esse grupo foi o de estruturar o Conselho, possibilitando que novas direções pudessem dar continuidade ao trabalho.

Seguindo nossa gênese, chegamos à última, porém não menos importante, entidade formadora da história e da identidade do Psicólogo gaúcho: o Sindicato dos Psicólogos do Estado do Rio Grande do Sul.

O Sindicato surgiu em agosto de 1980, época em que começaram os movimentos de abertura, a partir de uma comissão composta por representantes da Associação dos Psicólogos, do Conselho Regional de Psicologia e da Sociedade de Psicologia. Sueli Brunstein, primeira presidente do Sindicato, conta que o objetivo era a luta pelos interesses da classe. Ela diz que sentia, tanto na Sociedade quanto no Conselho, que “faltava alguma coisa a mais, que defendesse os direitos da categoria”.

Sueli relata que via a atuação significativa de outros sindicatos.

Foi com questionamentos sobre o trabalho da categoria que um grupo de psicólogos e psicólogas se reuniu para então organizar idéias, escrever e formular o projeto. Sueli lembra que muito estudo foi feito antes da formulação final e, apesar das dificuldades em virtude da variedade do tema, o grupo persistiu em sua caminhada.



O projeto foi levado ao governo para ser autorizado, e este nomeou o psicólogo Arthur de Mattos Saldanha como presidente provisório até que o grupo pudesse assumir a diretoria do Sindicato.

A primeira sede do Sindicato foi na sala da casa da psicóloga Sueli. Ela conta que quando o grupo conseguiu se organizar, nomeou uma diretoria, para a qual ela foi eleita presidente, tendo como vice a psicóloga Maria Luisa Becker. Sueli sentiu um grande desafio, mas estava motivada para “defender os psicólogos na sua ação de trabalho”, como ela mesma diz.

A primeira obrigação da Diretoria era muito parecida com a das outras instituições, isto é, dar estrutura, alicerces e organizar o Sindicato. Mas, para isso, era imprescindível que os próprios psicólogos sentissem a importância e estivessem unidos com a entidade, pois esta só existiria se eles mesmos quisessem e dessem apoio.

O orçamento inicial foi zero, mas o Sindicato contava com uma lei federal que obriga o pagamento de uma contribuição. A Sociedade de Psicologia e o Conselho Regional também ajudaram financeiramente nesse início de construção. A Sociedade de Psicologia também ofereceu uma sala para a instalação da sede do Sindicato.

Sueli conclui dizendo que foi um trabalho muito importante e que o fundamental do Sindicato dos Psicólogos foi poder estabelecer uma luta “da classe para fora”, ou seja, uma luta pelos direitos do Psicólogo na sociedade gaúcha.

É importante ressaltar que todas essas pessoas, intensamente ligadas às suas responsabilidades, fizeram voluntariamente seu trabalho, motivados pela dedicação à profissão. Ainda hoje, os profissionais que se dedicam a esse trabalho o fazem voluntariamente, seguindo o exemplo dos fundadores e presidentes dessas entidades.

A história dessas três grandes entidades continua sendo timoneada por novas gerações de dirigentes, as quais, com suas disponibilidades, empenhos e capacidades, encaminham, nos dias de hoje, questões relevantes da Psicologia como ciência e profissão.

Marilene Marodin
Psicóloga, Terapeuta de Casal e Família, Mediadora de Conflitos e Diretora da CLIP (Clínica de Psicoterapia e Instituto de Mediação) – Porto Alegre/RS, Presidente do INAMA – Instituto Nacional de Mediação e Arbitragem/RS, Membro da Diretoria do IBDFAM/RS – Instituto Brasileiro de Direito de Família.

Suzana Notti
Psicóloga Clínica, Psicoterapeuta Individual de Adolescentes e Adultos, Diretora da CLIP e Coordenadora Geral do ESIPP – Estudos Integrados de Psicoterapia Psicanalítica.

Eduardo Marodin Lomando
Psicólogo, Formando em Terapia de Casal e Família pela CLIP, Coordenador de atendimentos e Supervisor de Estágio Curricular da CLIP.

Unisinos: 35 anos de transformações

O Curso de Psicologia da Unisinos completou 35 anos no dia 7 de maio. Data em que o Conselho Universitário lhe outorgou autorização de funcionamento. Passou a funcionar, efetivamente, em 1972, e em 1977 formou a sua primeira turma, lhe conferindo o lugar histórico de ser o segundo curso de psicologia criado no Estado. **Muitos profissionais passaram pelo nosso Curso, na condição de professores e/ou de alunos; muitos se destacaram, ao longo desses anos, na clínica, no mundo do trabalho, nas instituições públicas, em grandes corporações e, principalmente, na defesa de idéias que transformaram o campo teórico e prático da Psicologia,** com destaque ao Movimento Antimanicomial (Reforma Psiquiátrica) e da luta pelos direitos das crianças e dos adolescentes. Logo, não foram 35 anos silenciosos, mesmo que tenha sido criado num contexto de pouca liberdade, ou seja, em plena ditadura militar; contingência histórica que não arrefeceu a reflexão crítica e as iniciativas de transformação, privilegiando os movimentos de liberdade e de subjetivação. Característica presente no cotidiano do Curso e no perfil dos nossos egressos. E foi assim que a proposta do Curso foi se transformando, o que pode ser identificado nas mudanças curriculares, que sempre indicaram novos rumos, novas formas de fazer e pensar a Psicologia. Chegamos em 2006 com um currículo moderno, que vai além das exigências do MEC e, como resultado desta história, o Mestrado em Psicologia Clínica, o que vem a indicar o caminho da pesquisa como o futuro da Psicologia na Unisinos, dando condições do pleno desenvolvimento da reflexão crítica, dos embates teóricos e da atitude investigativa sempre presente.

Prof. Fábio Moraes
Coordenador executivo do Curso de Psicologia
Mestre em Psicologia Social e Institucional

Breve histórico do curso de graduação em psicologia da UCS

O curso de graduação em Psicologia da Universidade de Caxias do Sul (UCS) iniciou em março de 1979, obtendo reconhecimento junto ao Ministério da Educação (MEC) em 24 de abril de 1984 por meio da Portaria número 163/84. Sua criação foi motivada tanto pelo projeto de expansão do ensino universitário da UCS, como pela necessidade de dotar a região nordeste do estado do Rio Grande do Sul de um curso de formação de profissionais em Psicologia. Atualmente, o corpo docente é formado por 42 profissionais, sendo nove doutores, 27 mestres e seis especialistas. Além de contar com a infra-estrutura do campus Cidade Universitária, em Caxias do Sul, o curso possui Laboratório de Psicologia Experimental, Laboratório de Testes, Laboratório de Observação e Serviço de Psicologia Aplicada (SEPA). O SEPA, em funcionamento desde 1981, oferece atendimento à comunidade (universitária e em geral) nas áreas da Psicologia Clínica, Psicologia Escolar, Psicologia Comunitária e Psicologia Organizacional. Na UCS, a Psicologia também atua junto ao Hospital Geral (HG), ao Ambulatório Central (AMCE) e ao Instituto de Medicina do Esporte e Ciências Aplicadas ao Desenvolvimento Humano (IME). **O curso da UCS tem como objetivo principal formar profissionais comprometidos com a realidade regional, capazes de realizar atividades de diagnóstico, planejamento e intervenção nas diferentes áreas da Psicologia.** Uma característica deste curso é possuir, em seu corpo docente, ex-alunos que retornaram à universidade na condição de professores.

Cristina Lhullier
Professora doutora em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. Docente da Universidade de Caxias do Sul. Contato: lhullier@bol.com.br

História do Curso de Psicologia da PUCRS

Todo o processo iniciou-se em 1931, com a iniciativa do Irmão Afonso, que deu início à mobilização de um grupo de Irmãos Maristas do Colégio Nossa Senhora do Rosário para que concretizassem o sonho de criar cursos superiores de orientação Católica no Rio Grande do Sul. Sua instalação oficial foi em 7 de março de 1951.

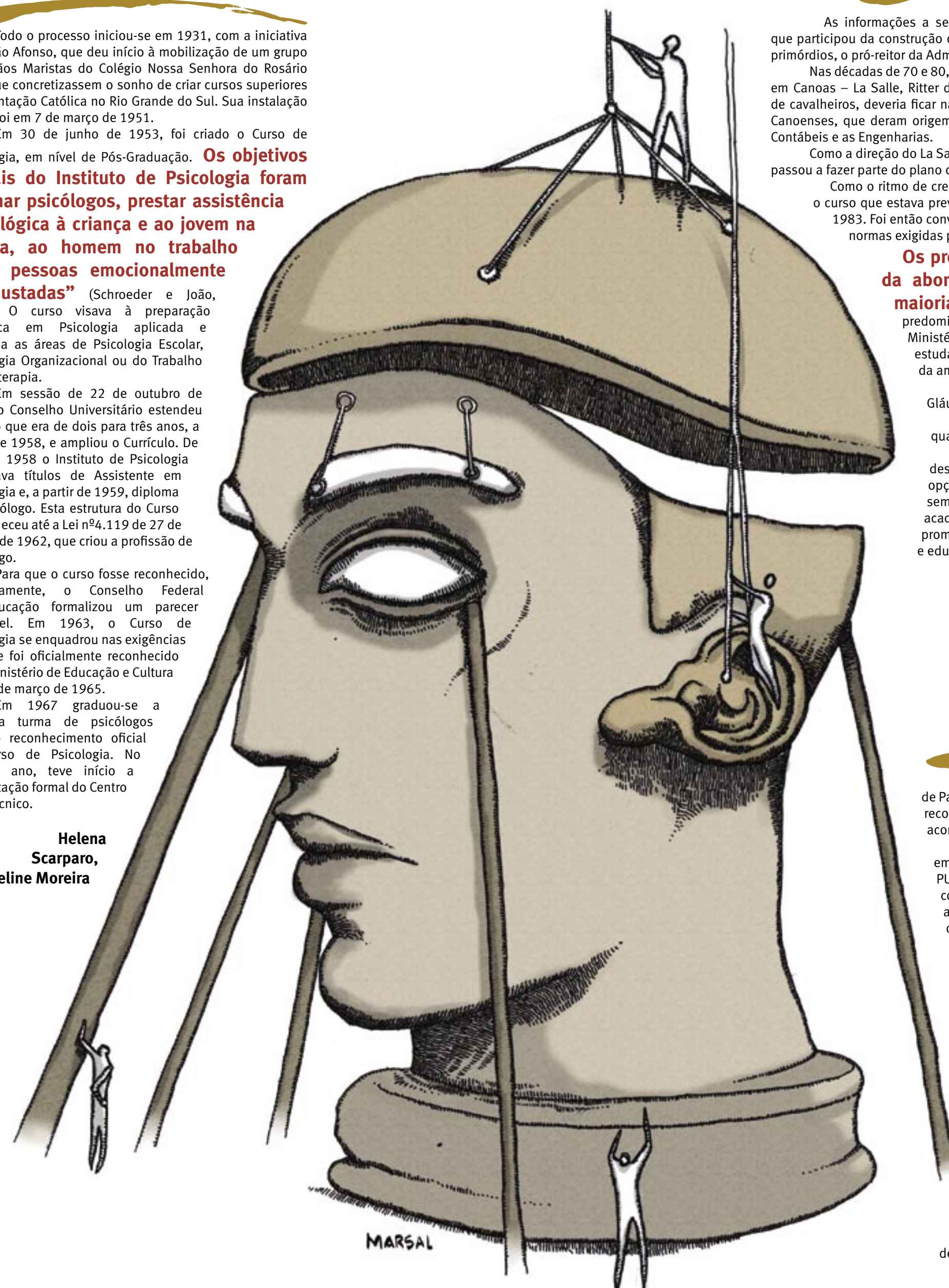
Em 30 de junho de 1953, foi criado o Curso de Psicologia, em nível de Pós-Graduação. **Os objetivos iniciais do Instituto de Psicologia foram “formar psicólogos, prestar assistência psicológica à criança e ao jovem na escola, ao homem no trabalho e às pessoas emocionalmente desajustadas”** (Schroeder e João, 1990). O curso visava à preparação científica em Psicologia aplicada e abrangia as áreas de Psicologia Escolar, Psicologia Organizacional ou do Trabalho e Psicoterapia.

Em sessão de 22 de outubro de 1957, o Conselho Universitário estendeu o Curso que era de dois para três anos, a partir de 1958, e ampliou o Currículo. De 1955 a 1958 o Instituto de Psicologia outorgava títulos de Assistente em Psicologia e, a partir de 1959, diploma de Psicólogo. Esta estrutura do Curso permaneceu até a Lei nº4.119 de 27 de agosto de 1962, que criou a profissão de Psicólogo.

Para que o curso fosse reconhecido, primeiramente, o Conselho Federal de Educação formalizou um parecer favorável. Em 1963, o Curso de Psicologia se enquadrou nas exigências legais e foi oficialmente reconhecido pelo Ministério de Educação e Cultura em 19 de março de 1965.

Em 1967 graduou-se a primeira turma de psicólogos após o reconhecimento oficial do curso de Psicologia. No mesmo ano, teve início a implantação formal do Centro Psicotécnico.

Helena Scarparo, Jacqueline Moreira



Psicologia na Universidade Luterana do Brasil

As informações a seguir foram obtidas em entrevista com um dos homens que participou da construção da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) desde os seus primórdios, o pró-reitor da Administração da Universidade, Pedro Menegat.

Nas décadas de 70 e 80, quando se constituíram as instituições de ensino superior em Canoas – La Salle, Ritter dos Reis e Ulbra –, o curso de Psicologia, por um acordo de cavalheiros, deveria ficar na La Salle com as Ciências Humanas. Com as Faculdades Canoenses, que deram origem à Ulbra, ficariam os cursos de Administração, Ciências Contábeis e as Engenharias.

Como a direção do La Salle não aceitou a proposta de Pedro Menegat, a Psicologia passou a fazer parte do plano de desenvolvimento das Faculdades Canoenses.

Como o ritmo de crescimento das Faculdades Canoenses foi muito acelerado, o curso que estava previsto para 1988 foi antecipado para 1980 e aprovado em 1983. Foi então convidado o prof. Cirilo Magagnin para organizar, conforme as normas exigidas pelo MEC, o curso de Psicologia.

Os professores que organizaram o curso eram da abordagem psicanalítica e, na sua grande maioria, da área clínica. O curso teve esta orientação predominante até o ano de 2004. Com a reforma exigida pelo Ministério da Educação e Cultura, duas abordagens são estudadas, a psicanalítica e a cognitivo-comportamental, além da ampliação das disciplinas e dos projetos comunitários.

Foram seus diretores: Cirilo Magagnin, Jussara Korbes, Gláucia Grohs e Antonieta Nakamura.

Atualmente, o curso está estruturado destacando quatro ênfases: clínica, escolar, empresarial e comunitária.

Na Ulbra, a Psicologia faz parte da área da saúde e desenvolve quatro estágios básicos e dois estágios com opção em duas das quatro ênfases, com duração de dois semestres cada. Os alunos podem realizar seus estágios acadêmicos clínicos, de gestão, escolares e de prevenção e promoção da saúde nas unidades do complexo ulbra e saúde e educação.

Maria Aparecida da Silveira Brígido
Psicóloga, psicanalista, docente do Curso de Psicologia da Ulbra

Curso de Psicologia em Passo Fundo

A primeira turma do Curso de Psicologia da Universidade de Passo Fundo começou a funcionar em março de 1978, mas o reconhecimento do Curso pelo Conselho Federal de Educação aconteceu cinco anos mais tarde.

No início do seu funcionamento, o Corpo Docente era, em grande parte, oriundo de outras Universidades, como PUCRS (Porto Alegre) e Unisinos (São Leopoldo). Contudo, conforme as turmas foram se formando, a própria UPF foi absorvendo os profissionais que formava e, pouco a pouco, o Curso foi assumindo o perfil que tem hoje. Em agosto de 1997 ingressou a primeira turma do Campus de Carazinho, sendo que os alunos de ambos os campi estão sujeitos às mesmas normas vigentes.

O primeiro ambulatório de atendimento à comunidade a ser criado foi o Centro de Psicologia Aplicada (CPA); após, surgiram o Centro Comunitário de Saúde Mental de Passo Fundo e a Clínica Psicológica junto ao Hospital da Cidade, onde se desenvolvem atividades de atendimento ambulatorial (individual infantil, adolescente e adulto, grupos infantil e adulto, atendimento de casal e de família), bem como atendimentos às comunidades e outras instituições. Servem, também, como local de estágios curriculares e práticas de pesquisa e extensão.

Carmem Lobato
Coordenadora do Curso de Psicologia da UPF

Psicologia na UFRGS

A história da psicologia na UFRGS inicia no ano de 1943 com a Cátedra de Psicologia Geral da antiga Faculdade de Filosofia. A matéria foi ministrada sucessivamente pelos Professores Oscar Machado, Victor de Brito Velho, Décio Soares de Souza e Nilo Antunes Maciel. O próprio Maciel, em 1954, fundou o Departamento de Psicologia Clínica, órgão ligado à Reitoria, que prestava serviços psicológicos à comunidade universitária. Com a consolidação da Reforma Universitária em 1971, na gestão do Reitor Eduardo Zaccaro Faraco, o Departamento de Psicologia Clínica foi transformado em Centro de Orientação e Seleção de Pessoal (COESP), sob a direção de Arthur de Mattos Saldanha, ex-assistente de Maciel. Em virtude da mesma reforma, foi criado o Departamento de Psicologia, sendo seu primeiro chefe o Professor José Carlos Fenianos. Este Departamento integrava o novo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, unidade que vinha a substituir a extinta Faculdade de Filosofia. Em 1973, por iniciativa de instâncias superiores da Universidade, tiveram início as atividades do curso de graduação em Psicologia da UFRGS, no mandato de chefia da Professora Odair Perugini de Castro. O curso demandou a abertura de uma Clínica de Atendimento Psicológico (CAP), efetivamente inaugurada em 1979, destacando-se a coordenação da Professora Martha Dominga Brizio.

Destaca-se ainda a criação de duas instituições que alcançaram relevo nacional: o Laboratório de Estudos Cognitivos, desde 1981 dirigido pela Professora Lea da Cruz Fagundes, e o periódico científico Psicologia: Reflexão e Crítica, cujo primeiro editor, em 1986,

foi o Professor William Barbosa Gomes. Em 1988, foi inaugurado o primeiro curso de pós-graduação, o Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento, por iniciativa dos professores Cláudio Simon Hutz e William Barbosa Gomes. O mesmo Programa oferece curso de doutorado desde 1996. O COESP foi extinto em 1995 por força de uma reforma administrativa, e a sua infraestrutura e corpo técnico foram inicialmente incorporados à CAP, e posteriormente distribuídos por outros setores da Universidade. O Departamento de Psicologia deu origem, em 1996, ao Instituto de Psicologia, que teve como primeiro Diretor o Professor Luiz Osvaldo Leite. Leite foi sucedido pelo Professor Cláudio Simon Hutz em 1998. O atual Diretor, eleito em 2002, é o Professor Paulo Kroeff. Este Instituto possui desde a fundação três departamentos universitários, atualmente denominados: Departamento de Psicologia do Desenvolvimento e da Personalidade; Departamento de Psicologia Social e Institucional; e Departamento de Psicanálise e Psicopatologia. Os primeiros órgãos de extensão universitária a fazerem parte do Instituto foram fundados em 1990: o Serviço de Orientação Profissional (SOP), dirigido pela Professora Maria Célia Lassance, e a Universidade para a Terceira Idade (UNITI), dirigida pela Professora Odair Perugini de Castro. Em 1998, por iniciativa dos Professores Sergio Antonio Carlos, Cleci Maraschin e Tânia Mara Galli, foi criado o Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, ligado ao departamento de mesmo nome, que oferece curso de mestrado. Atualmente o Instituto de Psicologia da UFRGS destaca-se em duas frentes avançadas e integradas de formação. De um lado, há uma formação profissional qualificada, com ênfase no oferecimento de cursos de graduação e especialização profissional. Do outro, uma sólida formação em pesquisa e uma dedicação ao avanço do conhecimento, traduzidas nos programas de iniciação científica, mestrado e doutorado.

Gustavo Gauer
Doutor em Psicologia pela UFRGS, professor adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais

William Barbosa Gomes
Doutor em Higher Education - Southern Illinois University Carbondale, professor adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

História e práticas em Psicologia

Era uma vez um psicólogo que, de repente, teve uma grande idéia: fazer nascer uma Psicologia científica independente de todos os outros saberes. Para isso, escolheu uma mãe (Filosofia), uma maternidade (Laboratório de Psicologia de Leipzig), já contava com irmãos e irmãs (disciplinas das Ciências Humanas e Biológicas). Batizou a nova cria, dando-lhe um nome (Psicologia da Experiência Imediata à Consciência). Registrou em uma certidão de nascimento (a Revista – Philosophische Studien). Deu-lhe um futuro (conhecer detalhadamente cada uma das funções psíquicas superiores) e um caminho para conseguir sua auto-realização (o método experimental-introspectivo).

Essa história é inspirada nos argumentos de Robert Farr – psicólogo inglês – de que Wundt foi traído e abandonado por seus “discípulos”. Farr argumenta que existem ao menos três projetos distintos de Wundt em sua vastíssima obra, sendo que seu projeto de Psicologia como ciência independente foi modificado quando do desenvolvimento de sua *Volkerpsychologie* (Psicologia do Povo, das Massas). Essa afirmação não é levada muito em consideração por boa parte dos cientistas psi, pois é “esquecida” nas histórias dos grandes manuais de Psicologia. Mas, Farr, no movimento de ressignificar Wundt e sua obra (e sua história), nos alerta para uma questão importante: geralmente, estudamos a obra de grandes autores da Psicologia como se fosse um bloco único, homogêneo, cumulativo e coerente. **Perdemos a condição de contextualizar cada escrito, cada texto ou ensaio produzido. Dessa forma, perdemos a chance de refletir sobre suas contradições, paradoxos, ditos e desditos.** Ora, não existe somente um Wundt, mas vários Wundts. São anos e anos de produção ininterrupta. Com 20 ou 25 anos de idade, somos uma pessoa. Com 50, somos outra.

Boa parte das formas de contar histórias descola autores e fatos de seus contextos socioculturais ao instituir processos de universalizações. Uma coisa é certa: perdemos a condição de narrar histórias... perdemos a condição de perceber que as histórias são de pessoas de carne e osso como qualquer um de nós. Sentem fome, frio, sede, desejos os mais diversos.

A pasteurização da história é um processo instaurado por uma lógica de pensar positivista, evolucionista e naturalizante. A transformação de gente comum em mártires faz parte de uma maneira de contar histórias que não mais se sustenta. Menos ainda as formas de contar histórias baseadas em “fatos verídicos”. Fatos são construídos de acordo com a narrativa à qual se propõe, com os jogos de poder, posicionamentos e redes as mais diversas. Afinal de contas, o MST invade (termo utilizado pela grande mídia) ou ocupa terras (termo utilizado pelo Movimento)? Ou será que invadir e ocupar são sinônimos? São palavras que produzem os mesmos efeitos em uma conversa? Creio que não.

Mas, retornando à Psicologia: Wundt é o “pai” da Psicologia? Para que isso? Que efeitos isso produz? Um, dentre tantos outros, é a tentativa de delimitar a data de um ponto sem retorno para a tão sonhada cientificidade da Psicologia. Falam assim: “agora, a Psicologia é séria. Agora, tem estatuto de cientificidade. Agora, podemos fazer uma história científica e não mais nos preocupar com metafísicas, histórias, romances e coisa e tal, pois são coisas menores”. **Entendo assim: a partir de agora, a história só pode ser**

contada por alguém “credenciado” para isso, ou seja, alguém do grupo que produz uma determinada narrativa do contar histórias.

Compartilho do argumento que história possui por condição o diálogo, a conversa, o dedo-de-prosa, o causo. Outro dia, uma amiga afirmou que no México chamam esse ato de “platicar”: “vamos a ‘platicar’ um pouco”, falam. Isso é: contar, remontar, criar, produzir, inventar histórias!

A Psicologia se define fundamentalmente como instrumento de transformação. Essa transformação se dá no campo político e ético: político das relações e ético da dialogia. O diálogo torna-se o centro da possibilidade das narrativas históricas que levam em consideração as relações de poder e posicionamentos. A historicidade encontra com a Psicologia exatamente aí, pois temos uma ferramenta/fundamento de trabalho em comum: o diálogo, a conversa encarnada na palavra.

A história é a possibilidade de ressignificação do passado e não algo que o torna imutável, inatingível. História que transforma homens em mártires... não mais convencem. Pena que, com essa lógica, que nos afasta das pessoas que produzem conhecimento, corremos o risco de perder a sensibilidade de homenagear pessoas que são/estão próximas de nós! Afinal, os mártires estão em outro lugar que não os espaços dos mundanos.

Corremos o risco de perdermos a chance de produzir, em nosso dia-a-dia, gestos singelos e simples, mas com grande afeição por aqueles que contribuíram um pouquinho por produzir o que somos.

São pessoas que nos fazem viajar, mesmo que imóveis. Pois, historicizar é ser-viajante! Viajante de um tempo mágico, sem fronteiras! Viajante de histórias! Afinal, como diz a poeta, morrer não é como se pensa, morrer é se perder de sua história. Viver o tempo, viver a história, pois viver não dói! O que dói é a vida que não é vivida! O que dói é a história que não é narrada...

Jefferson de Souza Bernardes

Doutor em Psicologia Social pela PUCSP; Professor do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas.



Psicologia Comunitária no Rio Grande do Sul

A construção da Psicologia Comunitária no Rio Grande do Sul tem-se apoiado na aproximação da academia com as circunstâncias cotidianas de vida, na interlocução com diferentes concepções e áreas do saber e na formulação de políticas públicas. Obviamente, esta construção denota diversidade de propostas e estreita relação com as condições sócio-históricas dos contextos nos quais ocorreram os trabalhos comunitários.

Nesse sentido, é importante lembrar que dois anos após a regulamentação da Psicologia como profissão no Brasil, o País foi assolado pela ditadura, o que provocou sérias restrições à vida civil. Contraditoriamente, movimentos sociais mundiais – como as manifestações feministas, anti-racistas e estudantis – reivindicavam mudanças paradigmáticas e apontavam para a urgência de ampliar os espaços de cidadania. Essas circunstâncias incidiram sobre a construção de conhecimentos e sobre as práticas profissionais. Especificamente no âmbito da saúde mental, tais críticas centravam-se no estabelecimento de práticas apoiadas na lógica individualista, na efetivação de tratamentos psiquiátricos com ênfase na prevenção secundária, no emprego exagerado de psicofármacos e no isolamento entre a doença e o contexto na qual se manifestava.

A contestação dos modos de tratar o sofrimento psíquico foi concomitante à inserção dos aportes da Psiquiatria Comunitária no Brasil, uma abordagem de cunho preventivo, que se propunha ao atendimento de grande parte da população a partir de intervenções comunitárias e de uma lógica sanitária. Com apoio nessa abordagem, foram articuladas iniciativas dirigidas às classes populares pelo poder público. Os instrumentos e métodos da Psiquiatria Comunitária não ameaçavam as estratégias da ditadura, pelo contrário, poderiam ser ferramentas importantes no controle da população e dos profissionais envolvidos no trabalho comunitário. Foi neste espaço que se estabeleceram práticas de saúde mental comunitárias, precursoras de Psicologia Comunitária no Rio Grande do Sul. Mesmo num contexto de ditadura, o contato cotidiano de profissionais com comunidades de classes populares revigorou as críticas sobre as condições sócio-políticas. Isso provocou o estabelecimento de linhas de fuga e a conquista de espaços de reflexão e interlocução que produziam críticas e articulação de estratégias pautadas no desejo de enfraquecer a lógica ditatorial.

O exemplo mais conhecido desse processo foi a implantação de um sistema de saúde comunitária na Vila São José do Murialdo, em Porto Alegre. O trabalho foi idealizado e efetivado por uma equipe multiprofissional da qual participavam psiquiatras, pediatras, clínicos gerais e psicólogos, entre outros. O projeto incluiu a efetivação de uma residência multiprofissional e foi também campo de estágio para graduandos de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. **Num primeiro momento, a experiência da Psicologia limitou-se à tentativa de adaptar práticas convencionais àquele contexto. Entretanto, reflexões críticas acerca da experiência de trabalho e do contexto vivido provocaram propostas de transformações teórico-metodológicas.**

Em função disso, além dos aportes oficialmente propostos como apoio para o trabalho, se lançou mão das idéias de autores que, embora de difícil acesso naquele período de repressão política, favoreciam ressignificações de conceitos, áreas de conhecimento e instrumentos de trabalho. Nesse sentido, buscou-se a Educação Popular, com o pensamento de Paulo Freire, bem como as idéias pertinentes à Antipsiquiatria e ao Movimento Institucionalista. Também tiveram destaque pensadores argentinos, como José Bleger, Henrique Pichon-Rivière e Alfredo Moffat. Assim, a Psicologia inseriu-se na comunidade rompendo com as atribuições clássicas para a profissão.

Com o advento dos movimentos de abertura política, às portas dos anos 80, fortaleceu-se a perspectiva de um sujeito protagonista de transformações, no contexto em que vive. Concomitantemente, a necessidade de deselitizar a Psicologia acompanhou os movimentos sociais pela conquista da democracia. Os trabalhos realizados nos anos 80 denotavam ampliação das interfaces com a Antropologia e a Sociologia, e a Psicologia Crítica apontava para a necessidade de repensar as relações da ciência com a sociedade, através de reflexões sobre os valores que justificavam as práticas sociais. Intensificou-se a participação em movimentos sociais reivindicatórios e ampliaram-se inserções nas comunidades.

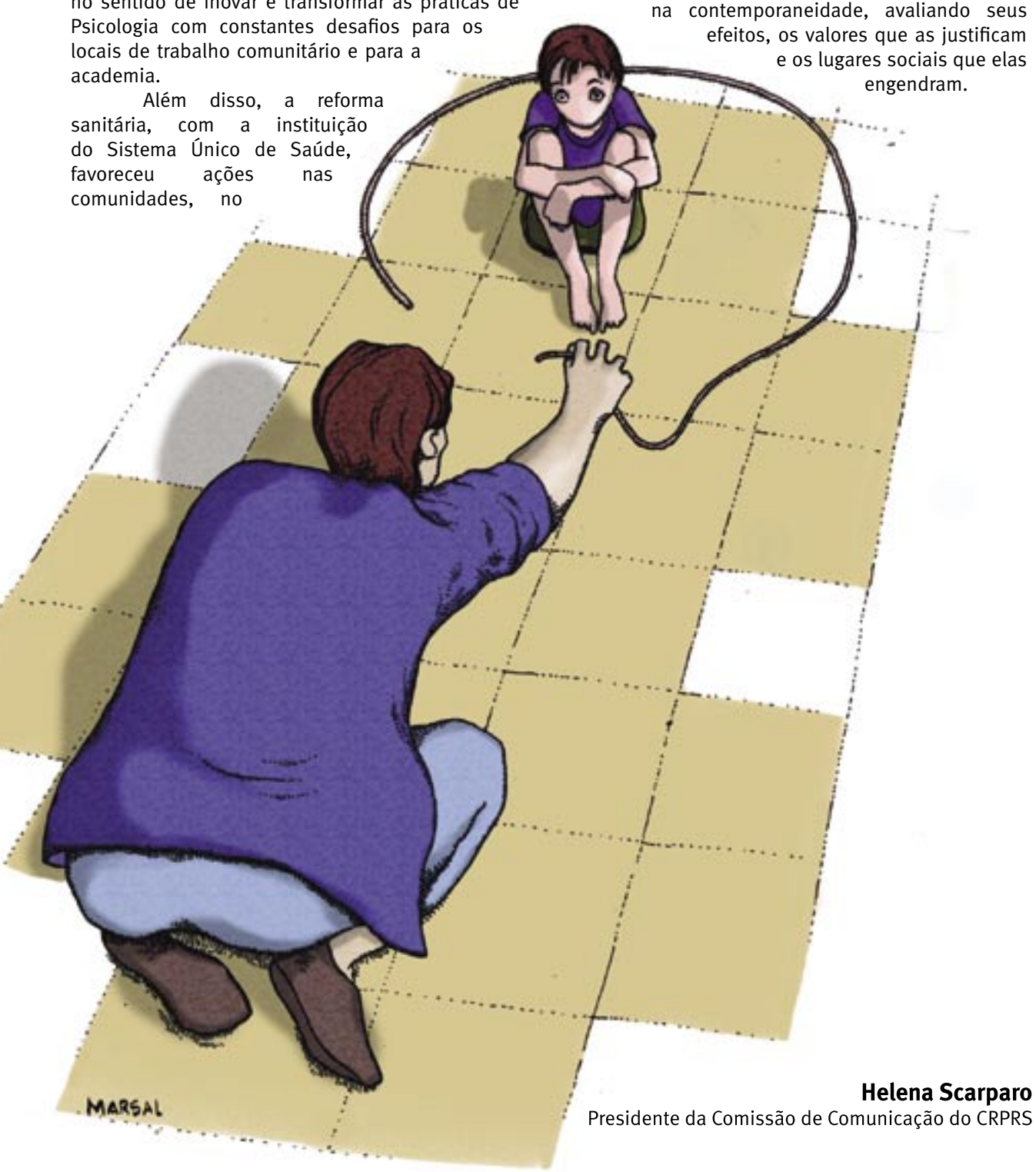
As universidades gaúchas foram importantes vetores de ampliação das práticas em comunidades no Rio Grande do Sul. Além da instituição da disciplina de Psicologia Comunitária nos currículos dos cursos de graduação, houve inserção nas experiências comunitárias através de atividades de extensão e de estágios curriculares. Esses dois últimos assumiram um caráter primordial no sentido de inovar e transformar as práticas de Psicologia com constantes desafios para os locais de trabalho comunitário e para a academia.

Além disso, a reforma sanitária, com a instituição do Sistema Único de Saúde, favoreceu ações nas comunidades, no

sentido de garantir que seus princípios pudessem transformar-se em direitos da população. É o caso do processo da saúde mental coletiva no Estado, associado ao Movimento da Luta Antimanicomial.

Atualmente, as práticas em comunidades têm como característica a diversidade de temas, modos de conceber e agir. Esta característica se exacerba se levamos em consideração as peculiaridades dos tempos que ora vivemos – plenos de perplexidades, imediatismos e incertezas.

Fernando Pessoa, em um de seus inúmeros versos memoráveis, afirmou que “pensar é descreer”. Se levamos essa afirmação para o campo do saber-agir em Psicologia, teremos um enorme desafio. Na medida em que a Psicologia é uma ciência e tem a responsabilidade formal de pensar a subjetividade humana, proponho que exercitemos diariamente a descrença propalada por Fernando Pessoa. Abandonemos as verdades absolutas, os dogmas teóricos, os rituais e as posturas preconcebidas para abrir espaço para a efetivação de uma Psicologia propositiva, apoiada na possibilidade de duvidar e de criar espaços emancipatórios. Para tanto, a exemplo dos protagonistas das trajetórias descritas neste texto, teremos de nos perguntar acerca das práticas sociais efetivadas pela Psicologia na contemporaneidade, avaliando seus efeitos, os valores que as justificam e os lugares sociais que elas engendram.



Helena Scarparo

Presidente da Comissão de Comunicação do CRPRS

Reproduzimos aqui o primeiro artigo da 1ª revista acadêmica de Psicologia no Rio Grande do Sul, revista ainda com edição regular desde março de 1971. Os números citados como atuais são referentes àquela data.

DADOS HISTÓRICOS

Nos meses de maio e junho de 1953, o Dr. H. C. Bela Székely, psicólogo húngaro, ministrou na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul dois importantes cursos de extensão universitária: Análise e Síntese Psico-Pedagógica e Da Psicanálise à Análise Existencial.

A repercussão alcançada nos meios culturais de Porto Alegre com as aulas do ilustre professor levou a Pontifícia Universidade Católica a criar o Instituto de Psicologia com os seguintes objetivos:

- formar psicólogos;
- prestar assistência psicológica ao homem na escola, ao homem no trabalho e ao homem emocionalmente desajustado.

Foi primeiro diretor da novel instituição acadêmica o Prof. Irmão Anísio Mosca de Carvalho, a quem o Instituto deve sua estrutura básica.

Ainda em 1953, logo após os cursos do Prof. Székely, foi organizado um curso preparatório ao curso regular de Psicologia.

Em 1954 matricularam-se 41 alunos. O curso teria a duração de dois anos e funcionaria em regime de pós-graduação na Faculdade de Filosofia.

Nesse período, eram ministradas as seguintes cadeiras com respectivos professores:

- Psicologia Experimental..... Prof. Ir. José Hugo Simon
- Psicologia Evolutiva.....Prof. Alfredo Richter
- Técnicas Psicológicas.....Prof. Ir. Anísio M. de Carvalho
- Psicoterapia Menor.....Prof. Ir. Anísio M. de Carvalho
- Psicopatologia.....Prof. Ir. Paulo Louzada
- Biologia Geral.....Prof. Ir. Ary Vêrio
- Psicologia Clínica.....Prof. Francisco Pereira de Souza.

O currículo do segundo ano constava nas disciplinas da Psicologia Experimental, Psicopatologia, Psicoterapia Menor, Técnicas Projetivas, Orientação Profissional, Psicologia Clínica e Psicologia Racional.



Fonte: Psico, v.1, n.1, 1971. Porto Alegre: faculdade de Psicologia, PUCRS.

No fim do ano de 1955 formou-se a primeira turma. Eram 27. Foi-lhe conferido o título de Assistente de Psicologia.

Em 1957, o Prof. Ir. José Hugo Simon substituiu ao Prof. Ir. Anísio Mosca de Carvalho na direção do Instituto. Nesse ano, o currículo foi acrescido da cadeira de Neuroanatomia.

Em 1958, tendo em vista o futuro reconhecimento da profissão de psicólogo no País, o Conselho Universitário estendeu o curso para três anos.

Assim permaneceu a estrutura do curso de Psicologia até o advento de lei nº 4119 de 27 de agosto de 1962. **A lei criava a profissão de psicólogo. Logo a seguir, o curso foi reconhecido pelo MEC pelo parecer favorável do Conselho Federal da Educação. Já em 1963, o Curso de Psicologia se enquadrou nas exigências legais.** De acordo com o art. 3º da Resolução do CFE (Parecer nº 403/62), “a duração do curso de Psicologia é de quatro anos para o Bacharelado e Licenciatura é de cinco anos letivos para a formação de Psicólogos, incluindo nessa última hipótese o estágio supervisionado”.

A primeira turma de psicólogos do regime reconhecido por lei formou-se em 1967.

Com a reforma universitária na PUCRS, o Instituto foi desmembrado da Faculdade de Filosofia. Em janeiro de 1969, era criado o Instituto de Psicologia com Unidade Universitária. Nesta nova fase de sua existência foi nomeado para diretor do Instituto o Prof. Dr. Ir. Pedro Finkler. Como primeiro Vice-Diretor Dr. Ir. Lorenzo Carlos Stein.

Atualmente, o curso de Psicologia mantém seis turmas de 357 alunos.

De ano para ano, os candidatos do Curso de Psicologia vêm aumentando de número. Em 1969, nada menos de 723 candidatos fizeram o pré-teste de seleção do vestibular. Em 1970, este número foi aproximadamente o mesmo. Atualmente, as vagas são de 60.

O grande interesse pelo curso de Psicologia se explica, em parte, pela importância que a Psicologia aplicada vem assumindo, dia-a-dia, praticamente em todas as áreas da atividade humana. Também a pesquisa científica nesse campo está se mostrando verdadeiramente apaixonante pelo insólito das descobertas no misterioso mundo da mente humana em seus aspectos ainda na explorados.

Angela Biaggio:

A Internacionalização da Psicologia do Desenvolvimento Brasileiro

Angela Biaggio, mesmo tendo nascido no Rio de Janeiro e atuado em outras universidades pelo país (PUC-Rio e Universidade de Brasília) e no exterior (Moorhead State University, Minnesota, USA), foi em Porto Alegre que viveu seus últimos e talvez mais intensos anos de vida. Trabalhou na PUCRS e depois na UFRGS, em cursos de graduação e pós-graduação de Psicologia e de Educação.

Angela Biaggio foi uma pioneira da Psicologia do Desenvolvimento Humano no Brasil. Quando poucas mulheres estudavam e chegavam à universidade, no início dos anos 60, ela saiu do país para fazer Mestrado e Doutorado na University of Wisconsin, em Madison, USA. Em sua volta ao país, trouxe novas teorias, metodologias e muitas histórias para contar. Suas realizações foram ímpares no ensino e na pesquisa, sempre buscando inovações, gerando publicações e produzindo o avanço do conhecimento. Formou psicólogos, educadores, graduados, mestres e doutores e deu a cada um todo apoio e estímulo que um estudante exige para seguir em frente, motivando-se para a carreira acadêmica. A academia era realmente sua paixão e a ela dedicava toda a sua energia.

Angela Biaggio amava o Brasil e se orgulhava da pesquisa que aqui era realizada. Em toda sua história de vida, lutou cotidianamente para divulgar a Psicologia que aqui era produzida e sempre esteve certa de que se fazia aqui pesquisa e formação de alta qualidade. Ela queria mostrar isto ao mundo e foi galgando posições e fazendo muitos contatos, alcançando sucesso em seu intuito de mostrar o Brasil lá fora. Falava muito bem o idioma inglês e estudava espanhol e alemão, conseguindo comunicar-se também através deles. Discursou em espanhol e português como

presidente da Sociedade Interamericana de Psicologia, no período de 1991 a 1993. Seus vários amigos e colegas da América do Norte e Europa compartilharam com ela simpósios em congressos internacionais pelo mundo. Foi membro da Divisão 15 (Psicologia Educacional) da American Psychological Association, onde construiu muitas parcerias que se revelaram em artigos e capítulos de livros publicados no exterior. Além de divulgar sua própria obra, impulsionou vários de seus estudantes e colegas a seguir seus passos. Não raro indicava seus nomes para contatos no exterior para disseminarem os próprios resultados de pesquisa em simpósios e congressos.

Suas áreas de interesse em pesquisa foram desenvolvimento humano e da personalidade, com maior foco em estudos sobre desenvolvimento moral (julgamento e educação moral), vinculado à base teórica metodológica de Lawrence Kohlberg. Estudou, ainda, aspectos relacionados à ecologia e ao pacifismo, ligados à moralidade. Desenvolveu instrumentos para estudar ansiedade e agressão, expressa na forma de raiva, e conhecia, profundamente, psicométrica e metodologia científica.

No entanto, não era apenas sobre esta tal Dra. Angela Biaggio que eu queria escrever. É preciso que as pessoas conheçam também o ser humano especial que usava este título e este nome. Sua história revela uma das pessoas mais espirituosas e generosas que já se conheceu. **Contava histórias fascinantes de suas viagens pelo mundo e lamentava-se sempre que estas andanças a estavam cansando tanto que preferia ficar em casa. Mas passava uma semana e lá ia ela de novo, para mais um congresso, uma visita de trabalho, uma reunião de pesquisa.** Contava casos tão engraçados, que mesmo se repetidos, provocavam a risada de todos ao seu redor. Costumava descrever um sábado de sua vida de noviça, quando na juventude se preparava para se tornar freira. Relatava que acordou preocupada com algumas pequenas trivialidades mundanas das quais precisaria abdicar, se realmente cumprisse seus votos. Perguntava-se basicamente como seria sua vida se nunca mais pudesse comer pizza e beber coca-cola. **A despeito de toda vocação que pensava ter, resolveu abandonar o convento e se deliciar com alguma agradável iguaria vegetariana, a qual esforçava-se tanto a agradecer.**

Sua genuína generosidade transbordava em tantos apoios e doações que fazia na vida. Ela abria mão de recursos financeiros para auxiliar a quem quer que fosse e às pessoas mais inusitadas, às quais muitos jamais pensariam em auxiliar. E isto tudo para ela era simplesmente natural. Dinheiro era só um meio de manter o curso da vida. Ela queria muito ser feliz, ser amada, ser apenas um ser muito humano de verdade.

Trabalhou até os últimos dias. Faleceu em 19 de maio de 2003, depois de longa e dolorosa enfermidade. Sobreviveram a ela, sua filha e sua neta. Sobreviveram a ela, todos aqueles que de uma forma ou de outra a tiveram por perto em algum momento profissional, acadêmico ou pessoal. **Foi uma pessoa intensa, ardente, apaixonada, controversa, polêmica, brilhante.** Foi uma das pessoas mais inteligentes e emocionais que a academia já viu. Deixou um legado imenso e um compromisso ainda maior que precisa ser levado adiante.

Sua genuína generosidade transbordava em tantos apoios e doações que fazia na vida. Ela abria mão de recursos financeiros para auxiliar a quem quer que fosse e às pessoas mais inusitadas, às quais muitos jamais pensariam em auxiliar. E isto tudo para ela era simplesmente natural. Dinheiro era só um meio de manter o curso da vida. Ela queria muito ser feliz, ser amada, ser apenas um ser muito humano de verdade.

Trabalhou até os últimos dias. Faleceu em 19 de maio de 2003, depois de longa e dolorosa enfermidade. Sobreviveram a ela, sua filha e sua neta. Sobreviveram a ela, todos aqueles que de uma forma ou de outra a tiveram por perto em algum momento profissional, acadêmico ou pessoal. **Foi uma pessoa intensa, ardente, apaixonada, controversa, polêmica, brilhante.** Foi uma das pessoas mais inteligentes e emocionais que a academia já viu. Deixou um legado imenso e um compromisso ainda maior que precisa ser levado adiante.

Sílvia H. Koller

Cep-Rua/Instituto de Psicologia/UFRGS

Trechos de entrevistas feitas pelo professor William Gomes, com alguns dos pioneiros da Psicologia gaúcha, em 1991.

“A minha formação é psicanalítica. É verdade que é também meio eclética. Tinha um professor dos EUA que dizia: *Don't be eclectic, be scientist!* Eu não era cientista, era eclética, porque nós tivemos uma formação psicanalítica muito interessante, muito completa e profunda.” **Elmira Cabral Pellanda** (iniciou sua formação em 1943).

“Sempre a minha preocupação foi calcar o ensino na pesquisa, para que os alunos, pelo menos, ficassem com uma mentalidade mais objetiva no tratamento dos assuntos educacionais.” **Graciema Pacheco** (fundou o Colégio de Aplicação, em 1953, como um centro de pesquisa em educação.)

“Se achei o Freud demasiado materialista, tudo era para matéria, para o corpo... ele [autor da área humanista] achei demasiado espiritualista. Que gozado, eu, como irmão, achei ele muito espiritualista!” **José Arvedo Flach** (irmão Henrique Justo - Em sua tese de doutorado indicou São João Batista de La Salle como precursor da Psicologia Moderna.)

“Em 1901, começaram a aparecer os primeiros aparelhos elétricos em laboratório de Psicologia Instrumental, então é uma reliquia, ... e havia montes de Laboratórios de Psicologia Instrumental lá em Louvain, e todos eles estão começando a ficar em desuso devido ao computador. O que acontece é que todas as experiências estão sendo simuladas em computador.” **Milton Madeira** (Em 1980, foi para Bélgica doutorar-se na Universidade de Louvain.)

“Ao mesmo tempo que a gente tinha uma sólida formação de Psicologia experimental, nós tínhamos sólida formação de estatística, ... nós também tínhamos uma sólida formação de psicanálise. O que ainda não existia lá no início do curso [início da década de 60] era, por exemplo, a teoria humanista. Isto foi aparecer mais tarde.” **Nara Bernardes** (Integrou a primeira turma de Psicologia da PUC de São Bento - SP)

“Psicologia é uma coisa dinâmica, está sempre evoluindo. Então com isso eu estou vendo que o meu livro hoje já tem modificações, esse Puberdade já tem modificações, esse pubescente já desenvolveu. Vejo isso através das pesquisas que eu faço com os meus alunos em aula.” **Yeda Roesch** (Escreveu, por 19 anos, artigos para o Correio do Povo sobre a Psicologia da criança e a do pubescente.)

Que história é essa?

Desde a época em que fui estudante de História, na PUCRS, no começo dos anos oitenta do século passado, um livro me fascina por sua lucidez e pela sua capacidade de desconstrução da mitologia da verdade positivista: “Como se escreve a História?”, de Paul Veyne. Já na introdução, o historiador francês assinala que «como um romance, a história tria, simplifica, organiza e faz caber um século numa página» A História é uma narrativa. O historiador, como um escritor qualquer, faz uma construção textual, recorta, escolhe e monta o seu painel. **A História é sempre uma história do presente: um olhar sobre o passado com lentes de um novo tempo. Toda História é anacrônica.**

Paradoxalmente, a História não é uma ficção. Da mesma forma que um documentário não é um filme de ficção, embora os documentaristas e os diretores de ficção trabalhem com o mesmo instrumental (angulação, cortes, fusões, planos, etc.), um texto histórico não é um romance. É mais e menos do que um romance. Mais por buscar um ideal de verdade empírica irrefutável. O ideal, porém, é um horizonte. Menos por dificilmente alcançar a verdade psicológica de um bom romancista. Balzac traduz melhor a França do século XIX do que a maioria dos historiadores do seu tempo. O ficcionista, contudo, pode inventar o que nunca existiu.

O historiador precisa tentar encontrar, sem nenhuma garantia de sucesso, o que de fato aconteceu.



A mitologia positivista apostou no documento como prova das verdades do passado. Hoje, qualquer um sabe que o documento não passa de um indício. O documento foi escrito por alguém, de acordo com os seus interesses e lentes. Toda leitura representa uma interpretação. De algum modo, o historiador pode dizer o que não aconteceu, mas dificilmente pode estabelecer rigorosa e indiscutivelmente o que aconteceu. A narrativa histórica é probabilística. Busca o máximo de evidências de uma possibilidade. Sabemos que Bento Gonçalves foi um dos líderes da Revolução Farroupilha. Mas quem foi realmente Bento Gonçalves? Provavelmente nunca saberemos. Como diz Paul Veyne, “a consciência não é a chave da ação”.

Os protagonistas da História e os seus intérpretes quase nunca têm consciência do próprio imaginário. São motores movidos, agentes agidos, forças em movimento empurradas por fantasmas, fantasias, sonhos, desejos, pulsões e outros elementos do “continente negro” do inconsciente. Por isso mesmo, a história nunca termina. Cada novo tempo, com seus novos historiadores, obriga a interpelar o passado com a mesma ânsia de verdade.

Que história é essa? Uma história sem fim. Interpretações.

Juremir Machado da Silva

Doutor em Sociologia, jornalista e escritor, é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS. juremir@correiodopovo.com.br